

## **Tempo, narrativa e historiografia na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* sob o reinado de Alfredo, o Grande no século IX**

1

Kauê Junior Neckel

**Resumo:** Neste artigo, nos atentaremos aos elementos de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* tendo como objetivo perceber o documento como um local de desenvolvimento de memória e narrativa sobre as populações anglo-saxônicas do século IX. Teremos como princípio a análise de escrita da história inserida na *Crônica Anglo-Saxônica*. Primeiramente, procuraremos perceber o espaço de escrita da *Crônica* no reinado de Alfredo, o Grande e seus elementos de propaganda de seu reinado, fazendo uma análise bibliográfica a partir de historiadores com produção vinculada a figura de Alfredo. Em uma segunda etapa nos atentaremos a escrita da *Crônica* atrelada ao ambiente monástico, identificando as etapas de escrita depois do documento ter saído da corte de Alfredo e a mudança no sentido de sua própria escrita. Por fim, analisaremos os elementos da memória, narrativa e temporalidade dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, identificando o marco temporal na sua temporalidade, a sua estrutura de narrativa e seu desenvolvimento enquanto um espaço de memória. Assim, nosso propósito é verificar a *Crônica Anglo-Saxônica* como um espaço de escrita da história na Idade Média, encontrando seu lugar dentro da escrita da história universal e fazendo um diálogo com a *História Eclesiástica do Povo Inglês*, de autoria do Venerável Beda, a partir de sua influência na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Estes elementos assim, serão guiados pela percepção da historiografia tendo como centro de análises a própria *Crônica*, sendo a escrita do documento o local de desenvolvimento destas questões.

**Palavras-chave:** Historiografia, *Crônica Anglo-Saxônica*, tempo e narrativa.

### **Time, narrative and historiography in the writing of the *Anglo-Saxon Chronicle* under the reign of Alfred, the Great in the ninth century**

**Abstract:** In this article, we'll pay attention to the elements of writing of the *Anglo-Saxon Chronicle* having as objective to see the document as a situation of development of memory and narrative in the anglo-saxons of the ninth century. We'll have as a principle the analysis of writing of history inserted in the *Anglo-Saxon Chronicle*. Firstly we'll notice the space of writing of the *ASC* in Alfred, the Great and its elements of propaganda of his reign, making a bibliographical analysis from historians with their productions linked to the figure of Alfred. In a second stage we'll pay attention to the writing of the *ASC* linked to the monastic ambient, identifying the stages of writing after the document has left the court of Alfred with the changing of the direction of its own writing. Yet, we'll make an analysis with the elements of memory, narrative and temporality inside the *ASC*, identifying the time frame in its temporality, its narrative structure and its development in a space of memory. Therefore, our purpose is verify the *Anglo-Saxon Chronicle* inside a space of the writing history in the Middle Ages, involving its place inside the universal history and making a dialogue with the *Ecclesiastical History of English People* of Venerable Bede from its influence in the writing of *ASC*. These elements are thus guided by the perception of historiography having as center of analysis the own *ASC*, being the writing of the document the main place of development of these questions.

**Keywords:** Historiography, *Anglo-Saxon Chronicle*, time and narrative.

---

1

É graduando do curso de licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (campus Chapecó). É bolsista de Iniciação Científica PRO-ICT/UFFS sob a orientação do Prof. Dr. Renato Viana Boy. É membro do núcleo UFFS do LEME – Laboratório de Estudos Medievais e da Rede Latino-Americana de Estudos Medievais.

## Introdução

Este artigo terá a *Crônica Anglo-Saxônica* como fonte de informações. Este é um documento com sua escrita iniciada no século IX, no reinado de Alfredo, o Grande (849 – 899) até então rei de Wessex<sup>2</sup>. A *Crônica Anglo-Saxônica*, apesar de ter começado a ser escrita somente no século IX, relata ao todo os acontecimentos desde o início da era cristã na ilha Britânica. A partir das informações trazidas por Blair (1997, p. 333-346) é dito que neste documento procura se fazer um relato dos eventos de maior relevância na perspectiva do reino de Wessex em relação aos demais reinos anglo-saxões desde o início da era cristã até o ano de 1154, quando a fonte deixa de ser escrita. A *Crônica Anglo-Saxônica* possui sete diferentes manuscritos, dos quais seis são escritos em anglo-saxão (ou Inglês antigo) e o sétimo possui duas versões, sendo uma escrita em anglo-saxão e outra em latim.

Segundo Blair (1997, p. 337), o mais velho dos manuscritos é chamado de A, no qual é dividido em dois, o A<sup>1</sup>, chamada de *Parker Chronicle* – pois pertenceu a um colecionador de documentos do século XVI chamado Matthew Parker, antes de ser transferida aos museus – que relata os acontecidos do ano 1 até o ano 1070. O A<sup>1</sup> está atualmente na biblioteca do Corpus Christi College, em Cambridge, Inglaterra. É uma certeza que esse manuscrito foi escrito no reino de Wessex, provavelmente em Winchester<sup>3</sup>. A segunda parte do manuscrito A é chamada A<sup>2</sup> que consta em poucos fragmentos do que foi destruído em um incêndio no ano de 1731. Este A<sup>2</sup> é assim chamado por ser uma cópia do A<sup>1</sup>, provavelmente feita em Winchester no século XI. Este manuscrito foi compilado como apêndice a *História Eclesiástica* do Venerável Beda (673 – 735). O A<sup>1</sup> é um manuscrito contemporâneo a Alfredo, sendo que ele mesmo manda distribuir cópias em centros religiosos de Wessex. Entre os outros manuscritos, há o B, que retrata os anos de 977 ao ano 1000, onde Blair afirma que foi escrito em mão única. O manuscrito C, que foi escrito por diversas mãos no século XI e retrata até 1066. Outros dois manuscritos, o D e o E foram escritos provavelmente

---

2

Wessex foi um dos reinos predecessores a formação do estado unificado da Inglaterra. No século IX o reino de Wessex teve seu ápice de soberania militar sobre os outros reinos anglo-saxões, diminuindo a soberania de Mércia que aconteceu nos séculos VII e VIII. A dominação de Wessex sobre os outros é iniciada pelo próprio Alfredo num contexto de invasões vikings, este domínio é tanto militar quanto político. Mais informações podem ser vistas em YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. 2. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

3

Atualmente este manuscrito encontra-se na biblioteca do Corpus Christi College, na Inglaterra, com acesso ao seu documento original restrito. As versões digitalizadas e cópias, entretanto, são abertas à consulta pública. O presente artigo utiliza-se da compilação destes manuscritos feitas digitalmente, assim não podendo resgatar informações que podem aparecer como fruto do trato manual. As referências à fonte neste artigo, portanto, se farão em cima das versões digitais.

em York. O manuscrito D retrata até o ano de 1079 e contém diferentes mãos em sua escrita. O manuscrito E foi escrito em mão única até 1121. Por último, o manuscrito F foi escrito até 1154, sendo este a edição bilingue (Latim e Inglês antigo, o anglo-saxão) que começa a ser escrita de forma independente em Canterbury, no ano de 1100.

A versão da *Crônica Anglo-saxônica* que usaremos é uma versão compilada dos manuscritos em inglês traduzida do idioma anglo-saxão (inglês antigo), pelo Rev. James Ingram (Londres, 1823) com edição e comentários adicionais pelo Dr. J. A. Giles (Londres, 1847). O texto da edição está baseado no que foi publicado como *The Anglo-Saxon Chronicle* (Everyman Press, Londres, 1912), que está sob domínio público nos Estados Unidos. Usaremos a edição eletrônica da fonte disponível em: <http://omacl.org/Anglo/> que foi traduzida pelo Rev. James Ingram em 1823, com notas posteriormente adicionadas por J. A. Giles em 1847. A versão digital foi editada, verificada e preparada por Douglas B. Killings em julho de 1996.

### **Alfredo e a *Crônica***

Um tema a ser tratado com cautela quando nos relacionamos com a *Crônica Anglo-Saxônica* é a participação de Alfredo, o Grande. Crucialmente importante para o estudo da *Crônica*, sobretudo quando nos referenciamos a sua origem e intenção – visualizando assim os séculos VII e VIII, que são séculos predecessores ao início da escrita da *Crônica*, no século IX – é perceber a influência de Alfredo na escrita. Neste ponto, diferentes problemáticas são levantadas. Richard Abels – especialista em Alfredo, o Grande – no livro *Alfred the Great: War, kingship and culture in Anglo-Saxon England* reflete sobre isso<sup>4</sup>:

Quem escreveu a *Crônica Anglo-Saxônica* e por quê, ainda remanesce como questões em aberto. Muito depende de como se responde a elas. A controvérsia central gira em torno do papel, se um dia Alfredo e sua corte, na compilação da *Crônica*, tiveram a intenção de mostrar como uma ‘propaganda’ de Alfredo e sua casa. (1998, p. 16).<sup>5</sup>

O ponto chave em relação às problematizações levantadas para a *Crônica* mostra-se no contexto em que Alfredo e sua corte tiveram a intenção de fazer uma propaganda para seu reinado.

---

4

Grande parte da bibliografia usada por nós está em inglês. As versões em português são resultados de uma tradução livre nossa, apresentando ao leitor a versão original em nota.

5

Who wrote the *Anglo-Saxon Chronicle* and why remain open questions. Much depend upon how answers them. The central controversy has revolved around the role, if any, of Alfred and his court in the compilation of the *Chronicle* and whether it was intended as “propaganda” for Alfred and his house.

Estes fatores influenciam diretamente na construção dos fatos, pois deve-se manter um olho atento à participação de Alfredo no que é registrado. Uma vez a *Crônica Anglo-Saxônica* ter sido escrita no reino de Wessex e, sobretudo, sob influência de Alfredo, o olhar sobre os reinos adjacentes a Wessex deve ser, assim, muito mais preciso e cuidadoso. Nisto, ao olharmos para a fonte, temos diversas construções *a posteriori*. Ainda Abels reflete sobre isso:

Há um século atrás, acreditava-se que o próprio Alfredo tinha uma mão na composição da *Crônica Anglo-Saxônica*. Os cuidadosos estudos lexicais de Janet Bately provaram o contrário. Sir Frank Stenton, por outro lado, pensou que a *Crônica* seria uma compilação privada originada de condados do sudoeste, talvez a mando dos *ealdormen* de Alfredo. (1998, p. 16) <sup>6</sup>

Vejamos aqui diferentes pontos de vista. Richard Abels mostra dois vieses historiográficos relacionados à construção da *Crônica*. Enquanto um lado vê um mando direto de Alfredo, o outro caminha em direção contrária e percebe que foi uma iniciativa do Conselho de Alfredo. Apesar de ambos os pontos de vista não serem equivalentes, em ambas as perspectivas é possível perceber a participação, direta ou indireta, de Alfredo na composição das narrativas.

No outro lado, ao ser um produto mandado por um governante, Alfredo, abre-se também problemáticas. É percebida que, neste ponto, a participação de Alfredo dentro da *Crônica* pode ser respondida como um ato exímio propagandístico. Estas relações posicionam-se em esferas diferentes, mas, ao mesmo tempo, convergentes, uma vez que a figura de Alfredo está diretamente relacionada com ambos os pontos de vista. Entretanto, há ainda um ponto central de discussão, o de que a *Crônica* não relata apenas os fatos do reinado de Wessex, tampouco os fatos de um único período. A *Crônica Anglo-Saxônica* é escrita até o século XII, período que até então é recheado de diversos conflitos, incluindo a formação da coroa dos anglo-saxões a partir do próprio Alfredo, o Grande, até a invasão normanda de 1066 contra o rei Haroldo Godwinson. Envolvem-se aqui diversos contratempos, pois ainda o domínio viking na Inglaterra e conflitos com galeses e celtas aparecem como fundamentais num documento que relata os fatos. No que se refere a isto, infelizmente, a abordagem de Richard Abels acaba se remetendo apenas ao período de começo da escrita da *Crônica*. Abels (1998, p. 16) considera: “Para a *Crônica*, é menos uma história do povo inglês e mais um surgimento do reino de Wessex e da casa de Alfredo”<sup>7</sup>. Assim, o começo da escrita

---

<sup>6</sup>

A century ago it was widely believed that Alfred himself had a hand in the composition of the *Anglo-Saxon Chronicle*. The careful lexical studies of Janet Bately have proved otherwise. Sir Frank Stenton, on the other hand, thought the *Chronicle* to be a private compilation originating in the southwestern shires, perhaps at the behest of one of Alfred's ealdormen.

<sup>7</sup>

For the *Chronicle* is less a history of English people than the rise of Wessex and the house of Alfred.

da *Crônica* se dá muito mais para o intuito propagandístico, conforme Abels.

Uma contraposição, entretanto, aparece quando um outro historiador, Peter Hunter Blair, aborda a *Crônica Anglo-Saxônica* no livro *Anglo-Saxon England*:

Non há evidência que o próprio Alfredo esteve diretamente preocupado com a compilação do que é compreensivelmente chamado de *Crônica Anglo-Saxônica*, mas é visto como provável que o crescimento do interesse durante seu reino no registro de história contemporânea deve algo ao seu encorajamento geral do aprendizado. (1997, p. 335)<sup>8</sup>

A problematização em torno da participação de Alfredo na compilação da *Crônica* apesar de ser, em muitas vezes, um problema de pesquisa que difere na visão de anglo-saxonistas, é um consenso que a presença de Alfredo está direta ou indiretamente ligada com a compilação de fatos. Este consenso se mostra válido ao percebermos que uma produção vinda de um reino – Wessex – afeta não apenas no que se remete ao passado deste reino, mas também influencia a visão da *Crônica* mediante os outros reinos e povos que habitavam a ilha britânica.

Ao visualizarmos os dois primeiros tomos, a parte 1 e a parte 2 da *Crônica Anglo-Saxônica* que temos acesso, podemos perceber esta visão, que em si é produzida em um âmbito específico, isto é, o reinado de Alfredo, o Grande, em Wessex. Tais fatos que cercam a produção do manuscrito demonstram-se recorrentes na prática de escrita da *Crônica*. Analisando tanto a “Parte 1: 1 – 748” quanto a “Parte 2: 750 – 919”<sup>10</sup> é perceptível muito mais fatos relacionados ao reino de Wessex do que aos outros. Considerando rapidamente como exemplo, a própria tomada de poder de dois reis anglo-saxões que tiveram relativa importância nos séculos VII e VIII – Cynewulf de Wessex e Offa de Mércia – foram visualizadas de maneiras opostas. A participação de Cynewulf (fragmento 755)

---

8

There is no evidence that Alfred himself was at any time directly concerned in the compilation of what is comprehensively called *Anglo-Saxon Chronicle*, but it seems probable that the growth of interest during his reign in the recording of contemporary history owed something to his general encouragement of learning.

9

É importante ressaltar que o objetivo deste artigo não é perceber fatos congruentes no que é apontado na *Crônica Anglo-Saxônica*, mas sim perceber o que é transmitido através do documento. Hartog (2013, p. 158) faz uma breve reflexão sobre o estudo da memória escrita: “Da história das mentalidades à antropologia histórica, era o momento de uma consciência e de uma ciência de nossa distância em relação a nós mesmos, mas distanciada tanto no tempo quanto no espaço [...] A história devia começar exatamente onde a memória parava: nos arquivos escritos”. A reflexão de que François Hartog faz é intimamente relacionada com nosso objeto de pesquisa, uma vez que nosso interesse nele é um interesse de perceber o que os arquivos escritos nos contribuem para o exercício de escrita da história do historiador.

10

A divisão em duas partes é feita desta forma pois assim é demonstrado na versão digital da *Crônica Anglo-Saxônica* que tenho acesso. As referências a fonte farar-se-ão da seguinte forma: (ASC, p. X, ano), sendo ASC a abreviação do inglês para *Anglo-Saxon Chronicle*, isto é, a *Crônica Anglo-Saxônica*.

é muito mais detalhada com relação a sua tomada de poder. A *Crônica* não deixa de mencionar a tomada de Offa à Coroa (fragmento 755). Entretanto, os detalhes em relação a Cynewulf são muito mais pontuais. C. J. Arnold (1988, p. xvi) possui uma abordagem parecida quando se refere à *Crônica*, reforçando nossa proposta: “A *Crônica*, em suas versões variadas, foi compilada em Wessex, então é mais informativa sobre o desenvolvimento deste reino em particular e menos sobre os outros”<sup>11</sup>.

Estas ocorrências, portanto, relatam até onde vai o comprometimento da própria *Crônica*. Uma vez ambas as informações possuírem características de chegadas de indivíduos ao poder – formando novas dinastias – uma é mais detalhada que a outra. Isto também pode estar diretamente relacionado com o intuito de Alfredo em sua possível participação na *Crônica Anglo-Saxônica*. Ora, se o objetivo de Alfredo for fazer uma propaganda tanto de seu reinado como do próprio reino de Wessex é possível que as informações prioritárias contendo em tais manuscritos deveriam estar relacionadas ao seu próprio objeto de propaganda. Não haveria sentido, portanto, dar um espaço prioritário aos conflitos nas coroas de Mércia, Nortúmbria, Sussex ou qualquer outro reino anglo-saxão do período se o objetivo do documento fosse fazer uma propaganda de si mesmo enquanto governante. O fato de informações relacionadas ao reino de Wessex estarem em protagonismo na *Crônica* é justamente o mesmo objetivo da abordagem de Alfredo no documento. Portanto, se retomarmos o próprio Richard Abels no que se tange à problemática da participação de Alfredo ou a iniciativa pessoal de um conselho na compilação da *Crônica*, podemos perceber que o caráter de participação de Alfredo se faz muito mais presente em relação a uma iniciativa do próprio conselho. É necessário esclarecer: nenhum documento é isento de posicionamento no que corresponde a sua autoria, sendo assim, precisa-se verificar as possibilidades da participação de Alfredo como necessárias à análise das informações contidas na *Crônica Anglo-Saxônica*.

### **A *Crônica Anglo-Saxônica* e sua circulação em ambiente monástico**

Uma parte deste projeto propagandístico de Alfredo sai das da ação de quem o lia, isto é, dos receptores da *Crônica*. Alguns anglo-saxonistas ajudam a interpretar que o principal espaço de circulação da *Crônica Anglo-Saxônica* foi o ambiente monástico. Isto, justamente por sua escrita se dar neste ambiente, entra em somatória com o ambiente da coroa de Alfredo, onde permanece em

---

11

The *Chronicle*, in its various versions, was compiled in Wessex, so it is particularly informative about the development of that kingdom, but less so about others.

seus primeiros anos de escrita, no século IX. Uma boa ideia de uma reflexão sobre a circulação dos manuscritos da *Crônica* está contida em Blair (1997), onde ele se debruça nas origens e posteriores circulações dos manuscritos. A problemática da circulação dos manuscritos, portanto, parecem pontos-chave para entender o público-alvo do documento. É claro que as informações trazidas por Peter Hunter Blair já dizem muita coisa, de que a principal circulação do documento – pelo menos os originais – se deu num regime monástico, não atingindo assim o público em geral, ou seja, não sendo uma fonte divulgada a um grande público.

Antes de nos atentarmos às problemáticas da contemporaneidade da escrita, uma questão interessante é sobre a língua. Todos os manuscritos foram escritos em anglo-saxão, com exceção do último, escrito parcialmente em latim. Aparece aí um relevante instrumento de análise, já que nos ambientes vernaculares os documentos que circulavam em sua esmagadora maioria foram escritos em latim, ao tempo em que mesmo no início da escrita do documento, no século IX, o latim já tomava preferência na língua falada nos mosteiros. Blair (1997, p. 334) afirma que esta escrita em anglo-saxão da *Crônica* é o seu grande valor, pois as informações ali contidas não teriam uma legitimação religiosa, já que sua escrita é em anglo-saxão, não em latim. É percebido aí que o principal propósito da *Crônica*, no que se relaciona com Alfredo, é uma legitimação política, tal fato seja que a circulação no ambiente monástico gira em torno da *Crônica* como instrumento de reafirmação política.

O fato de parte destas informações sobre a língua se darem em anglo-saxão também cai sobre o fator de que quando do começo de sua escrita no século IX, a produção começou no ambiente da corte de Alfredo. Parte ativa da produção da *Crônica* cai justamente sobre o fator do idioma da escrita do documento. Apesar disto, Blair (1997, p. 334) também afirma a existência de bispos estrangeiros na corte para a elaboração da própria *Crônica*.

Podemos tirar daí dois pontos importantes: o primeiro, é de que sua escrita na língua anglo-saxã também era objetivada com um propósito de que o documento não foi um documento religioso e sequer eclesiástico, foi praticamente um documento de estado. Isto se dá, principalmente, pelo próprio Alfredo declarar a si mesmo rei dos anglos e dos saxões, ou seja, não faria sentido escrever algo propagandístico em latim, já que mesmo pelo regime de circulação posteriormente fosse em regime monástico, o documento serviria como instrumento de legitimação do poder político de Alfredo. A língua anglo-saxã na escrita então, inicialmente, tem sentido também estudada como um intuito de reafirmação deste instrumento propagandístico, para finalmente no último manuscrito

12

começar a ser escrito em latim.

O segundo ponto, é que a existência de bispos estrangeiros na corte de Alfredo daria ao rei, além da mão de obra, uma legitimação em outros locais do próprio documento, tanto para a reafirmação deste poder de Alfredo como rei de Wessex quanto pela própria falta de mão de obra dentro da “Inglaterra”<sup>13</sup>. Blair afirma que “Quando ele escreveu, existiam bispos com certo aprendizado em sua terra, alguns daqueles de quem ele trouxe para sua corte para ajudá-lo em seus planos eram estrangeiros, mas havia outros que ele foi capaz de encontrar na Inglaterra” (1997, p. 334)<sup>14</sup> Segundo P. H. Blair, estes bispos estrangeiros foram Grimbold, um franco vindo de Reims,

15

Asser, que era galês e John, que foi mandado pelos Velhos Saxões (ou saxões da Germânia). Dentre os bispos da ilha, haviam quatro mércios: Plegmund, que virou arcebispo de Canterbury, Werferth,

16

bispo de Worcester e dois padres, Athelstan e Werwulf. Estas mãos entretanto não interferiram diretamente na escrita da *Crônica*, já que justamente nesta etapa, foi escrita na corte de Alfredo com, possivelmente, sua participação direta.

Estas circulações dos manuscritos pelos regimes monásticos posteriormente a Alfredo e

12

Esta diferença temporal do começo da escrita em latim para o começo da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* é praticamente de 300 anos. Percebendo os manuscritos posteriores ao século IX, é visualizado o caráter de mudança do sentido da *Crônica*. O que inicialmente serviria com intuito propagandístico, posteriormente – a partir do século X – aparece como um guia de registro de eventos do povo inglês. O detalhamento dos eventos do século IX até o ano de 1154 se dá tanto por sua escrita ser contemporânea aos próprios eventos quanto pelo intuito de Alfredo, o Grande – e posteriormente Eduardo, o Velho – já terem estabelecido o Reino da Inglaterra, apesar de ser, à época de Alfredo, apenas a caracterização do “reino dos anglo-saxões”. Uma vez este Reino dos anglo-saxões estabelecido, a *Crônica* poderia aparecer justamente como um instrumento de afirmação de sua imagem no regime monástico, que posteriormente se torna o ambiente de escrita do documento.

13

O termo é colocado entre aspas por não haver um Reino da Inglaterra oficialmente formado. Isto entra claramente em contraposição com os anglo-saxonistas estudados a partir da nossa bibliografia, uma vez que a grande maioria usa o termo *Inglaterra anglo-saxônica* (ou *Anglo-Saxon England*), mesmo não havendo, oficialmente, o Reino da Inglaterra formado.

14

When he wrote, there were again learned bishops in the land and though some of those whom he brought to his court to assist him in his educational plans were foreigners, there were others whom he had been able to find in England.

15

Diferentemente dos outros bispos, Asser possui um papel mais importante a cumprir, pois juntamente a escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* também é escrita a “Vida do Rei Alfredo” – originalmente *Vita Ælfredi Regis Anglo Saxonum* – de autoria de Asser. Esta que aparece como uma propaganda da própria imagem do rei Alfredo como rei-guerreiro. Diferentemente da *Crônica*, este documento foi escrito em latim. Para mais informações, ver SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Aelfred Venerabilis Rex: A construção da imagem do Rei-Guerreiro na *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum*. **Roda da Fortuna**, v. 1, n. 2, p.66-79, 30 dez. 2012.

16

Blair afirma que muitos indivíduos do território de Mércia escaparam dos ataques vikings ao tempo da escrita da *Crônica*, por isso, os Mércios foram chamados muito mais como caráter de necessidade. Ver: BLAIR, Peter Hunter. Alfred and the Anglo-Saxon Chronicle. In: BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. 4. ed. Londres: The Folio Society, 1997. (A History of England).

Eduardo podem também serem justificadas como plausível de transformação do intuito do documento. Entretanto, apesar de o documento circular entre monastérios no século IX e início do X, Campbell (1986, p. 185) afirma que possivelmente o documento pode ter voltado à corte real no século XI, quando Eduardo, o Confessor, teria trazido o documento para sua corte para ser usado como referência para o início da escrita do *Doomsday Book*<sup>17</sup>, que posteriormente continuou sendo escrito a partir de William, o Conquistador. Estas informações, portanto, apresentam-se como vinculadoras a de que o documento, mesmo depois de Alfredo ainda no século IX não perdeu sua importância. Tanto que os eventos continuam a ser apresentados e muitos destes eventos são, também, políticos.

Ainda neste ponto, Barbara Yorke, na introdução de sua obra *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*, analisa as informações contidas na *Crônica* quando vinculadas à invasão dos anglo-saxões na ilha, ainda no século V. A análise dela varia no que concerne à *Crônica Anglo-Saxônica* ser um documento de legitimação de estado. Entretanto, Yorke (2003, p. 4) destaca o seguinte ponto:

A chegada de Cerdic e Cynric é dita que ocorreu em 494 ou 495, mas pode ser demonstrado que a cronologia dos primeiros reis dos saxões do oeste foi artificialmente revisada e há vestígios de ser um pouco inepta, por remanescer como tópicos repetitivos da *Crônica Anglo-Saxônica* [...] isto pode ser explicado por mostrar até o quão tarde os anglo-saxões queriam saber da fundação de seus reinos.<sup>18</sup>

A questão de nossa abordagem não é a chegada de Cerdic e Cynric à ilha e sim a preocupação dos escritores do documento em relação a fundação de seus reinos. Daí, muito pode se tirar que o principal ponto da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* é sua legitimação do poder de Alfredo. Explica-se, portanto, tanto a circulação monástica, em virtude desta preocupação com o passado, sendo o ambiente monástico um ambiente propício ao resgate do passado e manutenção de sua memória, quanto a preocupação de reis posteriores – como Eduardo, o Velho no século IX e Eduardo, o Confessor no século XI – a preocupação deste resgate e desta circulação, são fatores que

---

17

Este documento é a principal referência para o estudo das informações normandas na Inglaterra do século XI. Não nos atentaremos especificamente a este documento por estar longe de nosso objeto de pesquisa e não contemplar, diretamente, nossas problemáticas.

18

The arrival of Cerdic and Cynric is said to have occurred in 494 or 495, but it can be demonstrated that the chronology of the earliest West Saxon kings was artificially revised and traces of the rather clumsy revision remain in the repetitive entries within the *Anglo-Saxon Chronicle* [...] The accounts as they survive show how later Anglo-Saxons wanted to see the foundation of their kingdoms.

podem explicar o sentido do documento: a legitimação do reinado. Esta legitimação serve em dois pontos: um como base para a escrita de documentos de reinos posteriores – como o *Doomsday Book* – e outro para a propaganda do próprio reino de Wessex, talvez este o intuito principal de Alfredo quando dado o início da escrita do documento.

Por fim, esta justificação de uma circulação do regime monástico serviu como base estrutural, seja para a escrita do documento, seja para a legitimação de sua intenção. Alfredo, o Grande começa o documento com a intenção de propaganda de imagem de seu reinado, ideia esta que é retomada por seu filho Eduardo, o Velho, para o fortalecimento de sua imagem como rei dos anglo-saxões – aqui tomados como rei de um povo e não de um reino propriamente estabelecido – e dois séculos depois para a legitimação de Eduardo, o Confessor, como rei da Inglaterra. Temos aí a consciência do poder propagandístico deste documento, que servirá como guia principal em relação às problemáticas tomadas do reino de Wessex nos séculos VII e VIII, este, ponto principal de nossa pesquisa.

### ***Crônica Anglo-Saxônica: narrativa, temporalidade e memória***

Dentro de uma maior contextualização sobre o papel da *Crônica Anglo-Saxônica* no período que este artigo se propõe estudar, a análise da narrativa, da temporalidade e da memória aparecem como essenciais para compreender as problematizações dentro do espaço anglo-saxão.

Em referência a narrativa, Peter Burke em *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa* dá um exemplo da *Crônica Anglo-Saxônica* como um lugar de narrativa fluida: “Assim como a descrição, a narrativa poderia ser caracterizada como mais ou menos “fluida” ou “densa”. No final fluido do espectro, temos a observação crua em um volume dos anais como a *Crônica Anglo-Saxônica*” (2011, p. 347). Burke conceitua a *Crônica* neste espaço de narrativa fluida

justamente por seus acontecimentos serem diretos e datados. Vejamos um exemplo <sup>19</sup> :

716: Neste ano, Osred, rei dos Nortúmbrios, foi morto perto das fronteiras do sul. Ele reinou onze invernos depois de Ealdferth. Cenred então o sucedeu no governo, e o manteve por dois anos; então Osric, que o manteve por onze anos. Neste mesmo ano, morreu Ceolred, rei dos Mércios. Seu corpo jaz em Lichfield; mas que Etelredo, o filho de Penda, em Bardney. Etelbaldo o sucedeu no reino de Mércia, e o manteve por catorze invernos. Etelbaldo era filho de Alwy, Alwy filho de Eawa, Eawa

---

19

Alguns nomes foram traduzidos para o português, como “Æthelred” para “Etelredo”, “Æthelbald” para “Etelbaldo” e “Æcbert” para “Egberto”, outros foram mantidos no idioma original. Esta escolha foi feita por se tratar de nomes que já foram aportuguesados em bibliografias anteriormente consultadas, outros, que não estavam presentes nestas bibliografias foram mantidos em sua forma original.

filho de Webba, do qual a genealogia já foi escrita. O venerável Egberto por esta época converteu os monges de Iona para a fé correta, na regra da Páscoa, e na tonsura eclesiástica. (*ASC*, p. 1, 716)<sup>20</sup>

Neste trecho, fica clara a intenção de Burke ao descrever a *Crônica Anglo-Saxônica* como narrativa fluida. Pode-se perceber a quase exclusividade de narrar os acontecimentos em uma ótica direta. Aqui é narrada a data do acontecimento, a sucessão do governo, o período de governo de cada rei, a genealogia dos reis e ainda rapidamente é narrada a conversão de determinado grupo para a fé cristã. Esta narrativa, portanto, mostra-se direta e simplificada, dando ainda mais trabalho ao historiador que irá ler a fonte, uma vez que a percepção dos silêncios numa narrativa direta será muito mais recorrente. A ausência de informação aqui se faz justamente o ponto de interesse do historiador, colocando-a em convergência com os pontos em que se menciona alguma informação, proporcionando várias formas de encarar o que se percebe como informação historiográfica válida na *Crônica Anglo-Saxônica*.

No que diz respeito a temporalidade, um estudo interessante para analisar o processo temporal da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, é perceber a questão da história universal. Conforme trazido em Allen (2003, p. 17-42) a popularização da percepção do tempo neste tipo de narrativa tem como ponto de partida um dos três pontos de referência a seguir: a criação do mundo a partir da Bíblia (*Gênesis*), o estabelecimento do Império Romano<sup>21</sup> e o nascimento de Jesus Cristo. Michael Allen faz um profundo estudo sobre as diferentes temporalidades na narrativa destes três tópicos. Em relação à temporalidade a partir do *Gênesis*, Allen toma como referência a *Crônica de Eusébio-Jerônimo*, do século IV onde aparece como a primeira fonte com esse tipo de contagem do tempo. O estabelecimento do Império Romano, entretanto, aparece como contagem do tempo para a *Cidade de Deus*, fonte compilada por Paulo Orósio e Santo Agostinho. Estas narrativas, portanto, têm como marco um fator político, diferentemente da narrativa de *Eusébio-Jerônimo*, onde o marco principal é essencialmente religioso.

O que interessa à *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, é a narrativa a partir do nascimento de Cristo. Neste sentido, Allen faz uma breve análise desta temática:

---

<sup>20</sup>

A.D. 716. This year Osred, king of the Northumbrians, was slain near the southern borders. He reigned eleven winters after Ealdferth. Cenred then succeeded to the government, and held it two years; then Osric, who held it eleven years. This same year died Ceolred, king of the Mercians. His body lies at Lichfield; but that of Ethelred, the son of Penda, at Bardney. Ethelbald then succeeded to the kingdom of Mercia, and held it one and forty winters. Ethelbald was the son of Alwy, Alwy of Eawa, Eawa of Webba, whose genealogy is already written. The venerable Egbert about this time converted the monks of Iona to the right faith, in the regulation of Easter, and the ecclesiastical tonsure.

<sup>21</sup>

ALLEN, Michael. Universal History 300 – 1000: Origins and Western developments. In: DELIYANNIS, Deborah. **Historiography in the Middle Ages**. Koninklijke: Brill, 2003.

Os anos da fundação de Roma dá ritmo à cronologia subsequente do mundo. A chegada de Cristo sob Augusto começa o último livro de Orósio e toma um novo sentido em favor da dispensa de quais desastres seculares pode ser mais levemente balanceado em favor da vinda do Redentor (2003, p. 27)  
22

A citação de Allen pode ser expressa como a presença de um marco temporal para a análise desta história universal. É este elemento, portanto que está presente na *Crônica Anglo-Saxônica*. Desta forma, é possível tomar três exemplos claros ao olharmos para a *Crônica*:

60 a.C.: Antes da encarnação de Jesus Cristo em sessenta anos, Caio Júlio César, primeiro imperador dos romanos buscou a terra da Bretanha, e ele massacrou os bretões em batalha, e os possuiu; e, no entanto, ele não foi capaz de estabelecer nenhum império lá (*ASC*, p. 1, 60 a.C)  
23

Neste fragmento da *Crônica*, é percebido o único acontecimento que é contado anterior ao nascimento de Cristo. Aqui, percebe-se como exemplo a chegada de Caio Júlio César a ilha britânica. O evento a ser percebido neste fragmento é a datação de sessenta anos “antes de Cristo”, ou seja, o marco factual da escrita da *Crônica* é justamente o nascimento de Jesus Cristo.

“6: Do começo do mundo até este ano passaram cinco mil e duzentos invernos” (*ASC*, p. 1, 6)  
24

Para este fragmento percebe-se também a preocupação da escrita da *Crônica* com a criação do mundo. Entretanto, este é um dos poucos fragmentos que aparece o *Gênesis* referenciado. Sendo a maioria dos fatos tendo a própria datação contada a partir do nascimento de Cristo. Um outro evento que chama atenção é a cronologia contada a partir de invernos. Para isto, o tradutor da versão da fonte que usamos, Rev. James Ingram (1823), chama atenção na nota 10 da primeira parte da *Crônica*:

Gibbon discorda desta cronologia da criação do mundo, preferindo o modo vulgar da era cristã. Mas

---

22

The years from Rome’s founding pace the subsequent chronology of the world. The arrival of Christ under Augustus begins Orosius’s final book and a new dispensation of favour in which even secular disasters weigh lighter for the coming of the Redeemer.

23

B.C. 60. Before the incarnation of Christ sixty years, Gaius Julius the emperor, first of the Romans, sought the land of Britain; and he crushed the Britons in battle, and overcame them; and nevertheless he was unable to gain any empire there.

24

A.D. 6. From the beginning of the world to this year were agone five thousand and two hundred winters.

o quão vago e incerto é esta escala depende de um ponto tão remoto e indeterminado como é o tempo exato que o mundo foi criado. Se nós examinarmos a cronometragem de cada escritor nós devemos perceber uma diferença, entre máximo e mínimo, de 3368 anos. A cronologia saxônica parece ser sido fundada em Eusébio, que aparece como no meio entre os dois extremos (INGRAM, 1823 in <sup>26</sup> *ASC*, p. 1, n. 10)<sup>25</sup>

Ingram desta forma faz referência à Edward Gibbon, provavelmente em sua obra *Declínio e Queda do Império Romano*, onde seu argumento sustenta a ideia trazida anteriormente por conta da contagem por Eusébio e sobretudo a partir da problemática da datação a partir da criação do mundo.

1: Otaviano reinou sessenta e seis invernos; e no quadragésimo segundo ano de seu reinado, Cristo nasceu. Então, três reis magos vieram do leste para adorar Cristo; e as crianças em Belém foram <sup>27</sup> mortas por Herodes em perseguição a Cristo. (*ASC*, p. 1, 1)

O ano 1 da *Crônica Anglo-Saxônica* é o principal marco para entender a temporalidade do manuscrito. Aqui é contado como o nascimento de Cristo aconteceu. Desta forma, somente o acontecimento do nascimento de Cristo estar relatado na *Crônica* é um fator para se perceber que este é o marco temporal do início da cronologia do documento. A *Crônica*, assim, não foge da tradição cristã medieval referente à história universal, tendo o fator cronológico do nascimento de Cristo como marco inicial.

Portanto, diferentemente da contagem da *Crônica de Eusébio-Jerônimo*, onde o tempo é contado a partir do *Gênesis*, a *Crônica Anglo-Saxônica* é contada a partir do nascimento de Cristo. Este fato preocupa-se com a figura do redentor como algo relevante o suficiente para aparecer como marco temporal.

---

25

Gibbon regrets this chronology from the creation of the world, which he thinks preferable to the vulgar mode from the Christian era. But how vague and uncertain the scale which depends on a point so remote and undetermined as the precise time when the world was created. If we examine the chronometers of different writers we shall find a difference, between the maximum and the minimum, of 3368 years. The Saxon chronology seems to be founded on that of Eusebius, which approaches the medium between the two extremes.

26

Allen (2003, p. 23) também aponta esta problemática: “Na soma final da cronologia, Jerome claramente seguiu Eusébio na vinda de Cristo ao mundo, entretanto, ele fala diferentemente quando referencia-se à marcação do tempo de volta para a Criação do mundo, isto percebeu-se como um problema em fatos do ano de 5579” (original: In his final summation of chronology, Jerome clearly followed Eusebius in accenting Christ’s preaching to the world, yet he spoke differently when he then continued to mark time back to Creation itself from the world’s troubled 5,579th year). A contagem a partir do *Gênesis* portanto não é precisa, muito em vista da interpretação pessoal de cada escrita da criação do mundo, diferenciando-se mesmo entre Eusébio e Jerome.

27

A.D. 1. Octavianus reigned fifty-six winters; and in the forty-second year of his reign Christ was born. Then three astrologers from the east came to worship Christ; and the children in Bethlehem were slain by Herod in persecution of Christ.

Na questão do desenvolvimento do espaço de memória, perceber a maneira como a *Crônica Anglo-Saxônica* retrata seus eventos é partir de uma conjectura de espaço de memória coletiva. Parte desta hipótese se constrói em cima de dois principais coeficientes sobre a escrita da *Crônica*: o primeiro é que, em função do longo espaço de tempo em que sua escrita ocorreu – isto é, quase quatro séculos – partir de uma memória escrita em âmbito individual não se tornaria um tópico pertinente. O segundo fator é o próprio ambiente de escrita, uma vez a *Crônica* ter sido elaborada numa corte sob a supervisão de uma Coroa, apesar de o documento ser objetivamente propagandístico – se dá num âmbito de troca de informações, seja entre os bispos anteriormente mencionados, seja mesmo entre os diferentes métodos de escrita. Assim, a memória construída na *Crônica* é necessariamente coletiva.

Como aporte teórico para sustentação destas reflexões aqui trazidas, Maurice Halbwachs discorre afirmando que “toda memória é transmitida socialmente e toda memória coletiva é uma memória de grupo” (HALBWACHS *apud* LE JAN, 2016, p. 6). Esta memória de grupo pode ser muito bem percebida ao traçar o paralelo com as diferentes mãos que a *Crônica Anglo-Saxônica* se beneficiou em sua escrita, uma vez que o objetivo da produção da *Crônica* apesar de começar como propaganda no século IX, sofreu diversas mutações durante seus séculos de escrita. Estas mutações estão presentes nas reflexões sobre sua participação neste espaço de memória coletivo.

Ainda no subtópico da memória coletiva, Régine Le Jan trata também do espaço de esquecimento como um espaço de memória. Para Le Jan (2016, p. 6) “a instrumentalização da memória coletiva permite esquecer o resto, e isso deveria interessar aos historiadores”. Esta reflexão é pertinente ao traduzir a questão da narrativa fluida dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez que a percepção do que não foi colocado deve se fazer presente, seja para retratar as ausências dentro da narrativa, ou mesmo para perceber o que pode ter sido intencionalmente esquecido.

Praticar uma percepção em cima do que não é escrito está, portanto, diretamente ligado com o que Alfredo propõe na *Crônica Anglo-Saxônica*. Fazer uma propaganda do próprio reino cabe, para Alfredo, como o lugar de onde se evidencia a existência do reino de Wessex. Para o historiador que se dedica ao tema, esta propaganda estaria diretamente preocupada com o limite deste espaço de esquecimento. O historiador, ao trabalhar com a *Crônica Anglo-Saxônica*, deve constantemente fazer o exercício de perceber o que não está ali.

### **A *Crônica Anglo-Saxônica* e seu espaço na historiografia medieval**

Para perceber o lugar da *Crônica Anglo-Saxônica* dentro da historiografia medieval é

necessário consultar a outras fontes do período e entender o próprio sentido da crônica universal e da história universal. O sentido da crônica universal e da história universal podem ser percebidos na escrita de Toro Vial:

Ao longo de toda a Idade Média constatamos a existência de um tipo particular de crônicas. Estas crônicas não se referem a uma nação em particular nem contam a história de uma região determinada. Também não se consagram a resenhar as gestas dos barões, dos bispos ou dos abades. Pelo contrário, são relatos que pretendem abarcar toda a história da humanidade, desde a Criação do mundo até a época do seu autor, incluindo em si as histórias particulares das personalidades, povos, reinos e até mesmo o império. São as que foram chamadas de “crônicas universais”, usando uma terminologia moderna, posto que na época não recebiam tal nome, mas sim títulos genéricos como *chronicae* ou *historiae*, segundo o que o próprio autor quisesse chamá-las. (2015, p. 158)

Após esta breve explicação temos o sentido de inclusão da *Crônica Anglo-Saxônica* no contexto da historiografia medieval. Como já problematizado sobre a temporalidade de nosso documento no subtópico anterior, no espaço das crônicas universais, a *Crônica Anglo-Saxônica* coloca-se como um objeto que foi construído tendo como referências outras narrativas produzidas anteriormente. Para isto, as percepções que faremos sobre estas outras fontes serão breves, no entanto, cruciais para perceber os elementos contido na própria *Crônica*. Neste sentido, a principal fonte que entra em diálogo com a *Crônica Anglo-Saxônica* é a *História Eclesiástica do Povo Inglês*,  
28  
escrita por Venerável Beda, no século VII no reino da Nortúmbria.

Antes de entendermos a estrutura contida na *História Eclesiástica*, é necessário perceber sua influência na *Crônica*. De acordo com as informações contidas em Bárbara Yorke (2003, p. 1-25) muitas das informações trazidas na *Crônica* estão citadas e/ou diretamente relacionadas com a *História Eclesiástica*. Desta maneira, Yorke faz uma breve reflexão sobre a chegada dos anglo-saxões na ilha britânica, onde ela relaciona a *Crônica* com a *História Eclesiástica*:

A *Crônica Anglo-Saxônica* também contém a chegada de Cerdic e Cynric, Stuf e Wihtgar e Ælle e seus filhos, os fundadores, respectivamente, dos reinos de Wessex, reino da Ilha de Wight e o reino de Sussex. [...] Beda introduz sua informação sobre Hengist e Horsa com a frase “eles disseram...” (do anglo-saxão: *perhibentur*), uma forma que ele usou em sua história quando ele estava escrevendo sobre uma história oral que se coloca como inverificável. Os comentários de Beda sugerem que nós devemos usar a informação do *adventus* do reino de Kent com cautela e certamente quando olhamos completamente para a narrativa da fundação de Kent e das atividades de Cerdic e Cynric, que podem

Ainda neste sentido, outras fontes se colocam como importantes para entendermos os elementos contidos na *Crônica*. As informações trazidas por Barbara Yorke (2003, p. 3) em seu livro *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England* afirmam que a presença das crônicas escritas em Kent, como a *Historia Brittonum* (do latim: *História Britânica*), escrita por Nênio – monge galês do século IX – e o *De Excidio Britanniae* (do latim: *A ruína da Bretanha*) de Gildas – monge galês do século VI – são fontes que, em alguma escala, possuíram sua influência na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*.

ser vistas como forma de questionamento de sua validade histórica. [...] Ainda, a *Crônica* descreve uma vitória em 508 por Cerdic e Cynric sobre um rei bretão chamado Natanleod, depois do qual o distrito de *Natanleaga* foi batizado. (2003, p. 4)<sup>29</sup>

Esta reflexão, portanto, é concomitantemente favorável a nossa hipótese de uso da *História Eclesiástica* como fonte de informações da escrita da *Crônica*. A hipótese se reforça principalmente porque Barbara Yorke é especialista no estudo da obra de Venerável Beda, sendo que a própria *História Eclesiástica do Povo Inglês* foi a fonte principal da escrita de seu livro *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. Barbara Yorke, desta forma, trabalha com a hipótese da influência de Beda em outras fontes do período, citando inclusive a *Historia Brittonum* (século IX) de Nênio e a *De Excidio Britanniae* (século VI) de Gildas.

Entretanto, deve-se perceber as influências na própria *História Eclesiástica* para remeter este objeto na forma que aplica sua influência na *Crônica*. Conforme Yorke (2003, p. 1-25), a *História Eclesiástica* foi escrita com o objetivo de criar uma imagem identitária no povo anglo-saxão, ou seja, para os anglo-saxões entenderem a si mesmos em forma de universalidade e donos de um território que seria, no momento da vida de Venerável Beda, ocupado recentemente, uma vez que eles são as junções de três povos, os anglos, os saxões e os jutos. Nesta maneira, o objetivo da escrita da *História Eclesiástica* é um objetivo diferente da escrita da *Crônica*, uma vez que esta última começa a ser escrita com o objetivo de legitimar e exaltar o reinado de Alfredo, em Wessex.

Entretanto, adiciona-se pontos específicos de condução da escrita da *História Eclesiástica*, conforme Toro Vial (2015, p. 158-183) a escrita da *História Eclesiástica do Povo Inglês*, de Beda, coloca-se inserida numa tradição maior de escrita de diversas “histórias eclesásticas” sobrepostas no contexto do ocidente medieval, desde o século III. Portanto, a tradição da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez remetida a escrita da *História Eclesiástica do Povo Inglês*, que esta por sua vez, possui suas influências da *Crônica de Eusébio-Jerônimo*, documento este, já referenciado por nós nas páginas anteriores. Toro Vial afirma o uso das escritas de Beda como ato de legitimação do passado:

Outros, em contrapartida ultrapassam seu presente histórico, prosseguindo com uma série de

---

29

The *Anglo-Saxon Chronicle* also contains accounts of the arrival of Cerdic and Cynric, Stuf and Wihtgar and Ælle and his sons, the founders respectively of the kingdoms of the West Saxons, the Isle of Wight and the South Saxons. [...] Bede introduced his information about Hengist and Horsa with the phrase ‘they are said...’ (*perhibentur*), a formula he used elsewhere in his history when he was drawing on unverifiable oral tradition. Bede’s comment suggests that we should use the information on the Kentish *adventus* with caution and certainly when one looks at the fuller narratives of the foundation of Kent and at the activities of Cerdic and Cynric one can see further reasons for questioning their historical validity [...] Thus the *Chronicle* describes a victory in 508 by Cerdic and Cynric over a British king called Natanleod after whom, it is said, the district *Natanleaga* was named.

considerações escatológicas até a chegada do Anticristo e o Juízo Final. Assim outorgam à sua obra um sentido novo, em que se criam o presente, o passado e o futuro. Exemplo disso são as crônicas de Beda, o Venerável e de Oto de Freising. (2015, p. 161)

Assim, entender a inserção de Beda neste passado em questão é também entender a inserção do conteúdo escrito na *Crônica Anglo-Saxônica* no que é escrito na *História Eclesiástica*. A *Crônica Anglo-Saxônica*, portanto, coloca-se como parte de uma cadeia bibliográfica e tradição manuscrita no contexto do ocidente medieval na Antiguidade Tardia. Ou seja, é necessário entender que o conteúdo que a *Crônica Anglo-Saxônica* pretende retratar, apesar de pertencer a um povo já delimitado, os anglo-saxões, num período já recortado, do ano um até o ano de 1154, e numa geografia já definida, a ilha britânica, ela pertence tradicionalmente a um contexto geral de escrita medieval, e tem em seu próprio gênero literário uma escrita que pertence a uma tradição já concebida.

### **Apontamentos finais**

Estas problematizações são parte de um estudo analítico sobre a *Crônica Anglo-Saxônica* dentro de seu espaço de escrita. Podemos perceber que a forma como deve tratar este documento deve ser tanto atenciosa quanto cuidadosa. O objetivo deste artigo, ao desenvolvimento dele até aqui, foi produzir um trabalho que gire em torno de dois âmbitos, o de historiografia e escrita da história e o âmbito da própria história medieval e história anglo-saxônica. Foram criadas aqui hipóteses de análise da *Crônica Anglo-Saxônica* como instrumento de análise de escrita. Estes dois particulares âmbitos são tanto relativos quanto particulares, uma vez que nos atentamos ao método de escrita de uma crônica medieval em particular. Temos assim, espaço para lançarmos novas questões e que ainda não foram completamente refletidas dentro do âmbito da escrita da história. Ver a escrita cronical num espaço de poder é ver tudo o que foi problematizado até aqui, desde elementos religiosos até elementos propagandísticos. Este artigo, sobretudo, tem a intenção não de fechar hipóteses completamente maduras, mas sim apresentar parte de um processo de crescimento destas análises, contribuindo com as questões que respondemos para abertura de outras problematizações que vão além de nossas temáticas. Somos parte assim, de um todo historiográfico dentro do trabalho do historiador e do medievalista, visualizando a Idade Média e tendo como referência a Britânia anglo-saxônica na figura da *Crônica Anglo-Saxônica*. A nossa intenção é compartilhar nossas reflexões para que isso contribua ao trabalho de outros historiadores da mesma forma que o trabalho de outros historiadores contribuem ao nosso, tornando parte assim de um

âmbito maior do fazer história e, sobretudo, do fazer ciência.

## Fontes

**THE ANGLO-SAXON CHRONICLE.** Londres: Everyman Press, 1996. Disponível em: <<http://omacl.org/Anglo/>> Tradução por James Ingram e J.A. Giles. Digitalização por Douglas B. Killings.

BEDA, O VENERÁVEL. **ECCLESIASTICAL HISTORY OF THE ENGLISH PEOPLE.** Cambridge: Ontario, 1999. Disponível em <[http://www.yorku.ca/inpar/Bede\\_Miller.pdf](http://www.yorku.ca/inpar/Bede_Miller.pdf)> Tradução por Thomas Miller.

## Bibliografia

ABELS, Richard. *Alfred the Great: War, kingship and culture in Anglo-Saxon England.* Londres e Nova York: Routledge, 2013.

ALLEN, Michael. Universal History 300 – 1000: Origins and Western developments. In: DELIYANNIS, Deborah. *Historiography in the Middle Ages.* Koninklijke: Brill, 2003. p. 17-42.

ARNOLD, C. J.. *An Archaeology of the early Anglo-Saxon Kingdoms.* Londres e Nova York: Routledge, 1988.

BLAIR, Peter Hunter. *Anglo-Saxon England.* 4. ed. Londres: The Folio Society, 1997. (A History of England).

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: \_\_\_\_\_ (org.). *A escrita da história: novas perspectivas.* São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p.327-348.

CAMPBELL, James. *Essays in Anglo-Saxon History.* Londres: The Hambledon Press, 1986.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo.* 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes: Construção, desconstrução, reconstrução. *Revista Signum.* Belo Horizonte, vol. 17, n. 1, p. 5-26, 2016.

NORDIN, Nei Marcos A. Concepções sobre o tempo na cronística lopeana. In: MATTOS, Carkubda Narua Fischer; CRUXEN, Edison Bisso; TEIXEIRA, Igor Salomão (org.). *Reflexões sobre o medievo II: Práticas e Saberes no Ocidente Medieval.* São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 15-38.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Aelfred Venerabilis Rex: A construção da imagem do Rei-Guerreiro na Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum. *Roda da Fortuna,* v. 1, n. 2, p.66-79, 30 dez. 2012.

TORO VIAL, José Miguel de. As crônicas universais e a cosmografia medieval. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael (org.). *A Escrita da História na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 158-183.

YORKE, Barbara. *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. 2. ed. Londres e Nova York:

R  
o  
u  
t  
l  
e  
d  
g  
e  
,  
2  
0  
0  
3  
.